05/10/2026 • 08:01:10 • Investimentos

ESPECIAL: RESULTADO DA ELEIÇÃO ANIMA MERCADO, MAS AVANÇO SUSTENTÁVEL DEPENDERÁ DE AJUSTE FISCAL

Por Gustavo Nicoletta, Eduardo Laguna, Juliana Machado, Letícia Correia e Altamiro Silva Junior

São Paulo, 05/10/2026 - A liderança de Flávio Bolsonaro (PL) no primeiro turno e o avanço de forças de direita no Congresso reforçaram, entre gestores e economistas, a percepção de maior probabilidade de uma agenda econômica mais voltada à consolidação fiscal. A leitura predominante é de reação positiva a partir de segunda-feira, com alta da Bolsa, queda dos juros futuros e valorização do real, mas o movimento tende a ser reavaliado a partir de novas pesquisas e, principalmente, conforme forem anunciados nomes para a equipe econômica e compromissos mais detalhados para 2027.

O primeiro termômetro veio ainda no domingo à noite: o EWZ, principal ETF de ações brasileiras em Nova York, disparou no after hour, e um ETF atrelado ao Ibovespa negociado no Japão também avançou forte.

Segundo os especialistas, o movimento já reflete um ajuste referente ao final da semana passada, porque as pesquisas até sexta-feira não haviam capturado com precisão o desempenho visto nas urnas e o novo desenho do Congresso, especialmente no Senado.

A Bolsa aparece como o canal mais direto do alívio. Rodrigo Knudsen, da Portogallo Family Office, diz que o impacto inicial tende a ser maior na renda variável, com otimismo até o fim do ano, mas alerta que o mercado deve ficar mais cético adiante e passar a cobrar entregas concretas de política econômica.

Na mesma linha, Matheus Spiess, estrategista da Empiricus, afirma que o Ibovespa pode subir "na casa dos 10%", acompanhado por valorização do real e fechamento relevante da curva de juros, à medida que o mercado antecipa uma perspectiva maior de ajuste fiscal. Ele também avalia que o movimento pode se estender por semanas e meses, num processo de "lua de mel" que iria além da reação imediata ao resultado.

Marília Fontes, da Nord Investimentos, afirma esperar alta do mercado acionário, com destaque para small caps mais ligadas à economia doméstica. Luis Otavio de Souza Leal, da G5 Partners, projeta uma reação de "euforia" e diz que o Ibovespa pode se aproximar de 200 mil pontos ainda nesta semana, com "oba-oba" na abertura da segunda-feira. Leonardo Mendes, da Manchester Investimentos, também vê o índice superando 200 mil pontos e aponta potencial impulso em estatais, como Banco do Brasil e Petrobras, enquanto Knudsen menciona espaço para a Bolsa buscar a região de 220 mil pontos.

Para parte do mercado, a reação positiva vem também da leitura de que o segundo turno ficou mais inclinado à oposição. Ivo Chermont, da Quantitas Asset, e Felipe Balassiano, do ASA, avaliam que, dadas as hipóteses de transferência de votos, a chance de reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) diminuiu, o que tende a sustentar uma abertura forte dos ativos.

Além da Bolsa, alguns especialistas apontam a curva de juros como o ativo com maior assimetria. Ricardo Modé, da Etti Partners, diz que há espaço para fechamento relevante porque o mercado ainda precifica taxas elevadas sem incorporar um cenário de melhora fiscal; na visão dele, um ajuste efetivo poderia abrir caminho para juros bem menores.

Elisa Machado, da KAT Investimentos, resume a lógica: mais importante do que o candidato é a probabilidade de mudança na trajetória fiscal. Quando essa chance aumenta, o prêmio de risco nos juros longos tende a ceder, favorecendo também câmbio e ativos domésticos. Solange Srour, do UBS Global Wealth Management, também vê espaço para redução de prêmios com melhora na percepção de reformas, mas ressalta que as revisões de cenário tendem a ocorrer gradualmente, conforme o quadro político e econômico fique mais claro.

©Broadcast - Proibida a reprodução sem autorização.
Agência Estado - Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - 3º andar - CEP 02598-900 - São Paulo-SP.
Central de Atendimento - +55 (11) 3856-3500 / 0800-011-3000

Nesse ponto, a sinalização política conta tanto quanto o resultado. Srour afirma que investidores vão olhar atentamente para as indicações de ministros - em especial na área econômica -, para a articulação no Congresso e para a presidência do Senado. Ela pondera que um Legislativo mais alinhado à centro-direita do espectro político não garante, por si, que a agenda econômica será prioridade.

O consenso é de valorização do real no curto prazo, mas sem necessariamente comandar o movimento. Srour observa que o câmbio parece mais perto dos fundamentos e pode ter menos "prêmio" a devolver do que a Bolsa. Ainda assim, há projeções de recuo do dólar: Knudsen cita espaço para R$ 4,80, e Étore Sanchez, da Ativa Investimentos, menciona R$ 4,50 no fim do ano em um cenário de melhora fiscal e reancoragem de expectativas.

Leal, da G5, diz que o dólar pode testar níveis abaixo de R$ 5 e que, num cenário de vitória de Flávio, poderia ficar abaixo de R$ 4,90.

Congresso mais à direita entra na conta

O peso do Legislativo apareceu com força nas leituras. Chermont fala em avanço expressivo do PL no Senado. Sanchez descreve o resultado como uma guinada à direita em várias frentes, o que, na visão dele, tende a alimentar uma "precificação de compra de Brasil". Alexandre Pierantoni, da Kroll, avalia que o alívio de curto prazo tem fundamento porque uma vitória da oposição costuma ser lida como mudança de rumo fiscal.

Ao mesmo tempo, o redesenho institucional traz ressalvas. Sanchez alerta para possível turbulência e maior volatilidade no curto prazo em razão de potenciais embates entre forças políticas fortalecidas e o Supremo Tribunal Federal (STF), mesmo em um ambiente inicial de melhora dos ativos.

Apesar do tom majoritariamente otimista, parte dos especialistas frisa que o movimento pode perder força se não houver confirmação do cenário esperado. Knudsen descreve a melhora como concentrada nos próximos meses, até o mercado "pagar para ver" a execução. Srour e Elisa Machado também destacam que novas pesquisas, definição de base no Congresso e credibilidade da equipe econômica devem calibrar os preços até o segundo turno.

Gustavo Cruz, da Sincra, acrescenta que fatores externos seguem no radar e podem interferir no humor, ainda que o cenário doméstico tenha melhorado.

Contato: gustavo.nicoletta@estadao.com

*Conteúdo elaborado com auxílio de Inteligência Artificial, revisado e editado pela Redação da **Broadcast**.

©Broadcast - Proibida a reprodução sem autorização.
Agência Estado - Av. Eng. Caetano Álvares, 55 - 3º andar - CEP 02598-900 - São Paulo-SP.
Central de Atendimento - +55 (11) 3856-3500 / 0800-011-3000